



ENSINO POR COMPETÊNCIAS: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA DO CAMPO

Marli Terezinha Paes Vieira¹ - UNIPLAC
Regina Aparecida Corrêa² - UNIPLAC

Resumo

Este artigo é resultado de um estudo de caso que buscou conhecer a percepção dos professores do Ensino Médio de uma Escola do Campo, sobre o Ensino por Competência tendo como parâmetro o conceito de Philippe Perrenoud (1999) que define Competência como a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.), para solucionar com eficácia uma série de situações. Responderam ao questionário, quatro professores que atuam no ensino médio da Escola Itinerante que atende a zona rural do município de Lages/SC. As respostas foram analisadas conforme as categorias emergentes: Entendimento de competência; Articulação de saberes; Capacidades e informações; Enfrentamento de situações problemas. Provisoriamente podemos considerar que ao contrário do que se pensava antes de ouvir as vozes dos professores, é que os professores que atuam no Ensino Médio da Escola do Campo analisada tem um entendimento do ensino de competências que vai ao encontro ao defendido por Perrenoud (1999), e, inclusive já vêm trabalhando nessa perspectiva.

Palavras-chave: Ensino por competência; Mobilização de saberes; Situações problemas.

Introdução

Esta pesquisa se desenvolveu na disciplina Conhecimentos e Saberes do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense em que se enfatizou o ensino por Competências. Esse tema apresenta centralidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2002), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013) e Inep (2012; 2013) o apontam como alternativa à edificação de uma escola mais conectada com o mundo atual, em um contexto onde a transmissão do conhecimento precisa ceder espaço para a construção do conhecimento.

Para Perrenoud (1999) a abordagem por competências representa tanto a

¹ Cursando Mestrado Acadêmico em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC

² Cursando Mestrado Acadêmico em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC

continuidade do processo educativo, quanto à ruptura do mesmo. Continuidade porque a escola não pode ficar alheia ao mundo que a cerca, os conhecimentos adquiridos na escola precisam ligar-se às situações da vida, e ruptura, porque a escola vem centrando o seu trabalho, basicamente na transmissão de conteúdos prontos e acabados.

As competências proposta para o Ensino Médio estão relacionadas como “capacidades operativas específicas”, e as habilidades como “próprias ao jovem e jovem adulto, na fase de desenvolvimento cognitivo e social correspondente ao término da escolaridade básica” (Inep, 2007a, p. 31-32). As competências e habilidades compõem os documentos norteadores a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Diretrizes do Conselho Nacional de Educação sobre a Educação Básica e os textos da Reforma do Ensino Médio (Inep, 2007a, p. 32).

Mas, num primeiro olhar, o que se percebe no trabalho cotidiano com o Ensino Médio, é que o Ensino por Competências ainda não é tratado com a devida importância no meio escolar.

A atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio deve contemplar as recentes mudanças da legislação, dar uma nova dinâmica ao processo educativo dessa etapa educacional, retomar a discussão sobre as formas de organização dos saberes e reforçar o valor da construção do projeto político-pedagógico das escolas, de modo a permitir diferentes formas de oferta e de organização, mantida uma unidade nacional, sempre tendo em vista a qualidade do ensino. (BRASIL, 2013, p. 147)

Presumimos, então que entre os obstáculos que tem dificultado a implementação do ensino por competências na escola, encontramos o pouco conhecimento dos professores acerca do conceito de competência. Arriscamos afirmar que a noção de competência não está bem absorvida pelos professores. Mas, teria realmente, os professores, pouco conhecimento sobre o conceito de competência?

Este estudo, ao mesmo tempo, que objetiva conhecer a percepção dos professores sobre o ensino por competências abre espaço para a discussão desse conceito no meio escolar. Deseja, também levantar a noção de competências dos professores; verificar o que os professores entendem por mobilização de saberes, capacidades informações; analisar se os professores fazem uso de situações problemas no fazer pedagógico.

O ensino por competência se apresenta como uma oportunidade para a escola e mais especificamente para os professores, romperem com práticas tradicionais de ensino

centradas na transmissão do conhecimento.

Para conhecer a percepção dos professores sobre o Ensino por competências utilizamos como parâmetro o conceito de Philippe Perrenoud (1999, p.30) que defini “Competência como a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.), para solucionar com eficácia uma série de situações”.

A opção em ouvir as vozes dos professores de uma Escola do Campo se deu principalmente por entender que os professores têm muito a dizer sobre a escola, sobre a sua forma de ensinar e aprender, e ainda porque até bem recentemente, as comunidades do campo, e mais especificamente as escolas do campo, passavam despercebidas pelas pesquisas acadêmicas.

Caminho percorrido

A pesquisa se caracteriza como qualitativa porque, em concordância com Minayo (2007), responde a questões muito particulares, envolta em subjetividades, aspirações, crenças. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos a pesquisa se caracteriza como um Estudo de Caso. Porque em consonância com Marconi e Lakatos (2007), foi a campo, diretamente no local de trabalho dos professores, para colher os dados, e desvendar as subjetividades em torno do tema pesquisado.

O primeiro passo metodológico do estudo se constituiu na elaboração de um quadro de categorização (Bardin, 1997) que elegemos como categoria de estudo a “construção de competências” e o conceito de competência de Perrenoud (1999, p.30) “competência é a capacidade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.) para solucionar com eficácia uma série de situações”.

O conceito referenciado foi decomposto em três dimensões: competência, mobilização de saberes, capacidades e informações e, ainda, solucionar uma série de situações. Tais categorias de análises emergiram nos indicadores: entendimento de competência, articulação de saberes, capacidades e informações e enfrentamento de situações problemas.

Na sequência, na Base de Dados da Revista Brasileira de Educação- Scielo, utilizando a palavra-chave “competência”, realizou-se uma pesquisa para levantar o referencial existente, a partir de 2010, sobre o tema “construção de competências”.

Entre os artigos encontrados, selecionamos apenas os que abordavam sobre a

construção de competências na educação para participar da fundamentação teórica dessa pesquisa.

Para a coleta de dados foi elaborado um questionário semi-estruturado organizado a partir dos indicadores: entendimento de competência na educação; articulação de saberes, capacidades e informações; e, enfrentamento de situações problemas.

Participaram da pesquisa quatro professores que trabalham no Ensino Médio da Escola Itinerante Maria Alice Wolff Souza que atende sete localidades da zona rural do município de Lages.

O questionário, mediante prévio consentimento da direção, foi aplicado no local de trabalho dos professores, após a apresentação dos objetivos da pesquisa, e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O questionário foi respondido pelos professores de forma individual com o acompanhamento de um dos autores do estudo. Para tratamento dos dados coletados, utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo, que é conceituada por Bardin (1997, p. 42) como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

A técnica utilizada para a realização da análise de conteúdo foi à análise de categoria orientada pelas dimensões: entendimento de competência, articulação de saberes, capacidades e informações e, ainda, enfrentamento de situações problemas.

Achados da pesquisa

3.1 Perfil dos Entrevistados

O quadro permite visualizar o perfil dos professores que participaram da pesquisa.

Quadro 1- Perfil dos participantes da Pesquisa

Professores	Idade	Gênero	Formação Acadêmica	Cursou Licenciatura	Tempo que se encontra formado	Tempo de atuação como professor
P ₍₁₎	29 anos	Feminino	Graduação	Sim cursando	Ainda cursando	2 anos
P ₍₂₎	49 anos	Feminino	Mestrado	Sim	14 anos	20 anos

P ₍₃₎	44 anos	Feminino	Graduação	Sim	Mais de 15 anos	10 anos
P ₍₄₎	36 anos	Masculino	Graduação	Sim	5 anos	5 anos

Fonte: Dados da Pesquisa (Junho/2015).

Participaram da pesquisa quatro professores, com idade entre 29 e 49 anos, sendo três do gênero feminino e um do masculino. Um dos professores se encontra cursando a graduação em licenciatura e os demais já se encontram graduados em licenciatura a mais de 5 anos. Um dos participantes da pesquisa possui formação em mestrado.

Um dos professores atua em sala de aula há dois anos, os demais já atuam há mais de 5 anos, sendo que dois deles já exercem a docência há mais de 14 anos. Todos os professores têm participado de cursos de capacitação, congressos, seminários, reuniões pedagógicas. Apenas uma professora participa de grupos de estudos.

Entendimento de Competência

No que se refere ao Entendimento de Competência, primeiro indicador utilizado para conhecer a percepção dos professores do Ensino Médio da Escola Itinerante sobre o ensino por competências, P₍₃₎ e P₍₄₎ ao definirem competência como o desempenho eficaz de uma função e aliar competência à dedicação máxima de um profissional demonstram ter ainda uma visão de senso comum sobre o ensino por competência.

Explica Vasco Moretto (2002) que um dos sentidos de competência aflora na utilização da palavra no senso comum: uma pessoa é competente quando tem os recursos para realizar bem uma determinada tarefa. Moretto também aponta cinco recursos para resolução de situações complexas:

- a) o conhecimento de conteúdos relacionados à situação; b) as habilidades (saber fazer) para resolver a situação; c) o domínio das linguagens específicas relacionadas ao contexto; d) a compreensão dos valores culturais que dão sentido à linguagem e que torna a situação relevante no contexto, e e) a capacidade da administração do emocional diante do problema. (MORETTO, 2002, s.p.)

Os professores, como trabalhadores que são, estão imersos nessa noção de competência do mundo do trabalho. Mas é fato que a competência do mundo do trabalho não se estabelece num vazio, ela envolve mobilização de recursos, muito embora essa mobilização esteja mais voltada aos interesses do mercado do que aos interesses sociais.

Já o professores P₍₁₎ e P₍₂₎ demonstram ter uma visão mais ampla do conceito de

competência, mais relacionada ao campo da educação, quando entendem por competência “a capacidade de desenvolver, estar aberto a novas ideias” $P_{(1)}$ e “garantir ao aluno um aprendizado significativo que possibilite estímulos de aprimorar e reconhecer técnicas subjetivas e meios próprios para assimilar os conteúdos” $P_{(2)}$.

Essa noção de competência de $P_{(1)}$ e $P_{(2)}$ se aproxima mais do conceito de competência de Perrenoud (1999) pois não esvazia a escola de conteúdos, ao contrário, estes passam a ser trabalhados com mais profundidade e com significado para os alunos.

Neste sentido, importa salientar, que uma competência não se constrói apenas a partir do conhecimento científico, mas nas práticas sociais, nos saberes mais significativos dos sujeitos.

A abordagem por competências leva a fazer menos coisas, a dedicar-se a um pequeno número de situações fortes e fecundas, que produzem aprendizados e giram em torno de importantes conhecimentos. Isso obriga a abrir mão de boa parte dos conteúdos tidos, ainda hoje, como indispensáveis. (Perrenoud, 1999, p.64)

As competências não esvaziam a escola de conteúdos, mas privilegiam o trabalho com conhecimentos pertinentes, que possam se transformar em saberes úteis ao educando.

Não se trata aqui de abandonar os conteúdos produzidos, ao longo tempo pela sociedade, mas de fazer uma seleção, de refletir sobre o que é pertinente ou não.

Morin (2000, p. 15), caracteriza o conhecimento pertinente como sendo aquele [...] “capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita”. Situa ele que “o conhecimento pertinente não é fundado numa sofisticação, mas numa atitude que consiste em contextualizar o saber”.

O conhecimento pertinente, segundo Morin (2000) é próprio de uma cabeça bem-feita que não é aquela que acumula conhecimentos desprovidas de sentido. Uma cabeça bem-feita é aquela que consegue dar sentido aos conhecimentos.

Este é o grande desafio que se apresenta à escola do campo, pensar a escola do campo a partir do campo, trabalhar com conhecimentos pertinentes que se vinculem aos saberes do homem do campo.

Mobilizar saberes, capacidades e informações

No que diz respeito a Mobilização de saberes, capacidades e informações, segundo indicador utilizado para conhecer a percepção dos professores do Ensino Médio da Escola

Itinerante sobre o ensino por competências, o estudo demonstrou que para P₍₁₎ a transmissão do conhecimento, por si só, é capaz de desenvolver competência na escola.

Perrenoud (1999, p.48) discorda de P₍₁₎, pois, segundo ele: “muitos alunos não têm nem os recursos pessoais, nem as ajudas externas necessárias para utilizar plenamente seus conhecimentos”. Daí denota-se que o problema não se encontra na transmissão do conhecimento, mas na articulação desse conhecimento.

Uma competência só se constrói a partir da articulação entre o teórico e o prático, neste sentido, “construir uma competência significa aprender a identificar e a encontrar os conhecimentos pertinentes e mobilizá-los de forma adequada e eficaz de acordo com a situação em questão”. (Perrenoud, 1999, p.22)

Um "simples erudito", incapaz de mobilizar com discernimento seus conhecimentos diante de uma situação problema, que exija uma ação rápida, não será mais útil do que um ignorante. (Perrenoud, 1999). A transferência de conhecimentos em competências passa por uma mobilização do conhecimento, passa pelas mãos do professor.

Os professores pesquisados reconhecem a importância do professor na construção de competências, P₍₃₎ “considera ser possível desenvolver competência na escola, desde que o professor se dedique” e P₍₄₎ “se envolvendo de forma efetiva com a proposta escolar, preparando aulas com qualidade e cumprindo o seu papel da melhor maneira possível”.

Nesse sentido, vê-se que:

A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista na equipagem das escolas, em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campos de futebol – sem negar a importância de todo esse instrumental -, tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e à importância do professor. (Chalita, 2001, p. 163)

O trabalho com competências, especialmente em relação à seleção dos conteúdos pertinentes e a mobilização desses conteúdos em saberes, capacidades e informações que possam ser utilizados na vida cotidiana dos indivíduos, para melhorar as suas vidas e dos seus pares, depende muito do professor. Neste sentido, a prática pedagógica dos professores é algo que exige reflexão e compreensão do fazer pedagógico crítico e autônomo. (Freire, 2002)

Pois, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2002, p. 21) Ensinar exige apreensão da realidade, exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Possibilidades que P₍₂₎ encontrou no sistema de avaliação “Utilizo a avaliação como um

processo de aprendizagem e apropriação de novos saberes para desenvolver no aluno competências diversas”. Na fala de P₍₂₎ a avaliação deixa de ser um instrumento de controle e passa a fazer parte do processo ensino aprendizagem.

Sendo a avaliação parte do processo ensino aprendizagem e sendo trabalhada na perspectiva de apropriação de saberes para construir competências, percebe-se que a visão de P₍₂₎ caminha de encontro ao conceito de competência de Perrenoud(1999) que compreende competência como a mobilização de saberes, capacidades, informações.

Solucionar uma Série de Situações

No que diz respeito a solucionar uma série de situações, terceiro indicador utilizado para conhecer a percepção dos professores do Ensino Médio da Escola Itinerante sobre o ensino por competências, todos os professores afirmaram trabalhar com situações problemas em sala de aula.

É o que se pode constatar na resposta apresentada por P₍₄₎ “Trabalho com situações problemas, pois hoje se torna essencial, pois facilita a aprendizagem e intensifica a resolução de problemas” e, ainda P₍₃₎ “Articulo o conteúdo com situações problemas, pois as situações problemas ajudam na construção do saber, aprender mais”.

Uma das mais importantes características das situações-problema é a sua relação com a formação de competências. A solução de uma situação-problema propicia a mobilização de recursos cognitivos e afetivos, exige julgamento, análise, avaliação e habilidades ligadas ao saber agir, estando, portanto, vinculada à formação de competências. (Perrenoud, 1999)

Interessante que as situações problemas trabalhadas em sala de aula por P₍₂₎ emergem da vivência do aluno: “Trabalho com situações problemas trazendo para a sala a vivência do aluno e tornando conteúdos práticos para que sejam úteis na vida prática e do trabalho”.

Segundo Meirieu (1998), uma situação-problema é uma questão, preferencialmente relacionada ao contexto de vida do educando, para a qual não se tem uma resposta, exigindo, portanto, uma busca de solução. Nesse processo, o trabalho com situações problemas envolve conhecimento prévio, conhecimento pertinente, mobilização desses conhecimentos, portanto encontra aderência em Perrenoud (1999).

Ainda na perspectiva de P₍₂₎, o enfoque dado a utilização de situações problemas se

encontra na possibilidade de interação entre teoria e prática.

A fala de P₍₂₎ encontra aderência em Perrenoud (1999) quando relaciona competência ao uso de conhecimentos pertinentes para resolver problemas da vida cotidiana, daí a interação entre teoria e prática.

Neste sentido, cabe ao professor romper com fazeres centrados na transmissão de conteúdos de forma pronta e acabada, precisa articular esses conteúdos, reconstruí-los na resolução de problemas da vida diária.

Mas, essa não é uma tarefa fácil, entende P₍₁₎ que “É necessário adaptação escola/professor/aluno para que o conteúdo seja articulado com o aproveitamento do educando, o educador precisa desenvolver a criatividade para enfrentar as situações problemas que existem na escola”.

O cenário contemporâneo, complexo e marcado por mudanças, para além da apresentação de informações, nomenclaturas, definições e descrições de fenômenos a serem memorizados de forma descontextualizada, compreende o desenvolvimento de competências como aprender a pensar e a intervir de forma crítica e inovadora no enfrentamento dos problemas impostos pelo mundo da vida. (Freitas, 2008, p.31).

Neste sentido, importa salientar que aluno/professor são faces de uma mesma moeda. Daí não se pode falar em desenvolver competências no aluno, sem pensar nas competências do professor. O ensino por competências, segundo Perrenoud (1999), deve promover uma “aventura intelectual” nos professores. Aventura essa que deve levar os professores que atuam nas escolas do campo a respeitar as especificidades dos sujeitos do campo.

Considerações finais

O interesse maior dessa pesquisa foi conhecer a percepção dos professores que atuam no Ensino Médio de uma Escola do Campo, sobre o ensino por competências.

A análise dos dados da pesquisa, que teve como parâmetro o conceito competência como a capacidade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.) para solucionar com eficácia uma série de situações (Perrenoud, 1999), permitiu provisoriamente concluir que:

Alguns professores entendem competência, ainda com uma visão de senso comum,

mais ligada à competência para exercer o seu trabalho, mas se destacam os que tem uma visão de competência mais abrangente, mais relacionada ao mundo educacional, que entendem que a escola é capaz de construir competências que possam servir para melhorar a vida dos educandos.

No que se refere a mobilização de saberes, uma pequena minoria acredita que a transmissão do conhecimento, por si só, é capaz de desenvolver competência na escola, mas a grande maioria, compreende que a mobilização de saberes, capacidades, informações passa pela construção do conhecimento.

Interessante que, no que se refere ao trabalho com situações problemas, defendido por Perrenoud (1999), como uma possibilidade de construção de competências, desde de que não seja abordado de uma forma reducionista, o fazer de todos os professores em sala de aula já vem se contextualizando a partir dessa metodologia.

Daí, ao contrário do que se pensava antes de ouvir as vozes dos professores, é que os professores que atuam no Ensino Médio da Escola do Campo analisada tem um entendimento do ensino de competências que vai de encontro ao defendido por Perrenoud (1999), e já vem trabalhando nessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília, DF, Secretaria de Educação Média e Tecnológica: MEC, 2002.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação básica**. Resolução nº 4, de 13 de Julho de 2010. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 6. ed. São Paulo: Gente, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **A gestão da aula universitária na PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MEIRIEU, P. **Aprender... sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.
- MORETTO, Vasco P. **Construtivismo, a produção do conhecimento em aula**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.